

---

## O papel da Rede Globo na consolidação do mito Ayrton Senna<sup>1</sup>

Tatiana Alencar BATISTA<sup>2</sup>  
Carlos VELÁZQUEZ<sup>3</sup>  
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### RESUMO

O trabalho apresentado objetiva analisar o papel fundamental da Rede Globo na consolidação do mito Ayrton Senna, enaltecendo seus feitos e omitindo alguns fatos nada agradáveis para a imagem do piloto. Além disso, serão exploradas o papel dos “vilões” da história do “mocinho” Ayrton Senna e a importância desses personagens para o enredo do herói, além de explorar, também, que consequências essa mitificação de Senna trouxe para os pilotos brasileiros que o sucederam. Para isso, foi feita uma apropriação de conteúdos dos principais especialistas sobre a vida e carreira do piloto: Ernesto Rodrigues e Rodrigo Franca, e uma análise de reportagens sobre o piloto em sites como Estadão, Globo Esporte.com e UOL Esportes, além de analisar vídeos de entrevistas de Senna e de explorar conceitos de autores como Muller. Através desta pesquisa, conclui-se a influência da Rede Globo na mitificação de Ayrton Senna, as consequências desta mitificação e como os antagonistas desta narrativa ajudaram neste processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ídolo; Mídia; Mito; Poder simbólico; Senna.

### Introdução

O trabalho apresentado é a continuação do artigo apresentado no Intercom Regional Nordeste 2018, intitulado de “Rede Globo e Ayrton Senna – O papel da emissora na mitificação do piloto”. O que se pretende mostrar neste artigo é a influência que a Rede Globo teve na sua mitificação e que, para a forma que a emissora conduziu a narrativa do herói brasileiro, seus “antagonistas” tiveram um papel importante neste processo de mitificação.

É importante salientar que Ayrton Senna não virou ídolo à toa. Além de talentoso, era obcecado pelo que fazia e competitivo ao extremo. Foi até as últimas

---

1 Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Graduada em Jornalismo na Universidade de Fortaleza - Unifor, e-mail: [tatialencarb@gmail.com](mailto:tatialencarb@gmail.com)

3 Orientador do trabalho. Professor que atua nas áreas de Estética, História da Arte e Mitologia da Universidade de Fortaleza, Unifor, e-mail: [caveru@unifor.br](mailto:caveru@unifor.br)

---

consequências para realizar um trabalho o mais próximo possível da excelência. Era incansável, apaixonado pelo ofício. Curiosamente, morreu no dia do trabalhador. O piloto foi protagonista de uma geração e teve visibilidade no cenário nacional graças às transmissões da Rede Globo. A partir disso, o povo brasileiro acompanhou passo a passo da trajetória do piloto e se sentiu representado.

(...) mídia e sociedade não podem ser entendidas como departamentos autônomos, independentes entre si: a sociedade moderna é uma sociedade “midiatizada”. A comunicação de massa seria, assim, um espaço privilegiado de produção de discursos sociais. A ideia é olhar a comunicação de massa como uma forma, entre outras, que nós utilizamos para “dizer alguma coisa sobre algo”. A mídia pode ser assim entendida como uma forma moderna de contarmos para nós mesmos histórias sobre nós. (GEERTZ *apud* HELAL, 1998)

Embora fosse competitivo, ter fama não parecia ser bem o objetivo principal de Senna. O automobilismo era a sua real paixão. Porém, não dá para negar que ele encontrou uma possibilidade de tirar proveito de uma situação onde um país todo o tratava como um herói. A Rede Globo, mídia mais influente do país, era quem emitia ao Brasil sua imagem de promessa e, posteriormente, de uma lenda. A sede de Senna por vencer aumentava na medida da sua sede por reconhecimento. Rodrigues (2004), relata que Ayrton tinha essa necessidade desde o seu começo na Fórmula 1 e que em 1986 ficou bastante aborrecido por não ter sido eleito “revelação do ano” nas enquetes das revistas esportivas internacionais.

Com as transmissões da Rede Globo, as narrações icônicas de Galvão Bueno, programas de esporte e noticiários dedicados especialmente ao piloto, Senna conseguiu o reconhecimento que queria e fez nome o suficiente para virar, literalmente, uma marca. A marca Senna foi fundada em 1990 e comercializa, até os dias de hoje, variados produtos. Um deles é o personagem infantil Senninha, lançado em 1994. Segundo França e Chaguri (2016), em todas as suas aventuras, o personagem Senninha “utiliza o seu talento nas pistas e a sua vontade de vencer para superar dificuldades e ajudar as pessoas. Dentro da sua personalidade se destacam o patriotismo, a confiança, a coragem, a determinação, a amizade e a inteligência.” (FRANÇA, R; CHAGURI. L.F, SD)

---

Segundo Gorski & Santos (1996) os meios de comunicação de massa conseguem criar técnicas de linguagens e de dramatização que conseqüentemente conseguem seduzir o público fazendo com que esses assistam a partida e fique envolvido com a disputa esportiva. A ponto também que existe a técnica de utilizar a imagem do jogador junto ao público para se criar a técnica de identificação. O lema e o seguinte, se o seu time vence, você é também um vencedor, que carrega em si, todo o prazer da vitória. (...) Os meios de comunicação têm esse poder de penetrar na massa e colabora na construção do imaginário coletivo. (CAMARGO apud SANTOS, Z. & GORSKI, D.,1996)

Senna lucrou com a imagem que foi criada ao longo das transmissões e reportagens de suas corridas durante os 10 anos em que correu na Fórmula 1. É importante salientar que a mídia ao mesmo tempo em que pode lucrar ajudando a criar heróis, também pode se beneficiar divulgando o “outro lado da moeda”, afinal, polêmica também gera lucro. Porém Ayrton Senna soube construir a sua imagem. Pensava muito bem no que ia falar e onde e quando falaria. Soube administrar sua carreira e preservar sua imagem, que permanece firme e forte até hoje, mesmo com o advento das redes sociais, que, como trazem à superfície o outro lado da moeda, contribuem bastante para o processo de desmistificação de ídolos.

## **1. Os feitos de Ayrton Senna**

### **1.1 Feitos heroicos**

Não é difícil entender por que Ayrton Senna da Silva virou um ídolo mundial. Muito antes de ingressar na Fórmula 1, ainda criança, Senna já era considerado uma promessa logo no seu primeiro contato com o Kart. João Alberto, um vizinho de Ayrton na época, já chamava a atenção para o dom natural do piloto. "Foi arrepiante. Ele tinha uns quatro anos (...) Já na primeira volta na rua de terra, ficamos todos impressionados com a noção que ele já tinha" (RODRIGUES, 2004, p.7). Nessa época, não só o talento, mas também a personalidade forte e a competitividade extrema de Senna já se mostravam evidentes. Rodrigues (2004) relata que, ainda na época do kart, Senna já fazia manobras perigosas e causava acidentes colocando os carros dos outros pilotos para fora da pista pela lateral do chassi do adversário.

---

Característica que ele jamais abandonaria na carreira, que inclusive seria um traço da controversa personalidade do piloto.

Desde que entrou na Fórmula 1 em 1984 até sua morte dez anos depois, Senna colecionou feitos. No seu primeiro ano, correu pela Toleman, uma equipe com um carro não tão competitivo, mas que rendeu a Senna seus três primeiros pódios na Fórmula 1. Foram muitos os feitos de Senna na pista, mas alguns chamaram mais atenção que outros.

Ainda na sua segunda corrida pela categoria, ele já garantiu uma animadora sexta colocação na África do Sul. Seu primeiro pódio foi em Mônaco. Largou na décima quarta posição e, ao final da corrida, conquistou o segundo lugar. Pilotos experientes como Niki Lauda e Keke Rosberg ficaram para trás e Alain Prost quase também fica. Senna estava bem próximo de Alain, mas a corrida foi interrompida pela direção da prova por conta da chuva forte. Senna acabou em segundo, conquistou seu primeiro pódio e mostrou que pilotar na chuva era com ele mesmo. (FRANÇA, R; CHAGURI. L.F, SD)

Em 1985, correndo pela Lotus, Ayrton começou de fato a mostrar a que veio na Fórmula 1. Foi em Estoril que Ayrton conquistou sua primeira vitória na categoria. Nos treinos preparatórios, conseguiu a pole position, uma condição que viraria rotina na sua carreira. Quando começou a corrida, na chuva, como ele gostava, venceu de ponta a ponta.

Sob um temporal que levou 13 dos 26 pilotos que largaram a cometer rodadas espetaculares, o impressionante desempenho do piloto brasileiro levou a publicação inglesa *Motoring News* a escrever que “Senna deslizava, navegando seguro como um experiente timoneiro numa pista cheia de armadilhas, enquanto outros pilotos veteranos naufragaram na aquaplanagem”. (FRANÇA, R; CHAGURI. L.F, SD)

### *1.1.1 A proximidade com o público*

Além do talento nas pistas, Senna tinha um lado altruísta. Segundo Siqueira (2012), no GP da Bélgica de 1992, ele parou seu carro no meio da corrida quando notou que o piloto francês Érik Comas havia se acidentado. Quando o brasileiro percebeu que o piloto estava desacordado com o pé no acelerador, desligou o motor para evitar uma possível explosão. Esse era Senna. Um piloto que queria vencer sob quaisquer

circunstâncias, colocando a vida de outros pilotos em risco, mas que também tinha momentos completamente opostos de empatia e sensibilidade.

Um herói de uma nação precisa ter um pé na filantropia. Segundo Rodrigues (2004), Ayrton Senna tinha. Ajudava, em sigilo, as pessoas por quem se sensibilizava. As doações de valores altos em dinheiro iam para instituições e pessoas. Todas as pessoas próximas de Ayrton Senna, inclusive ele, não gostavam do fato dessas doações serem vistas como autopromoção. De fato, pouca gente sabia sobre os valores e sobre o destino dessas doações. Rodrigues (2004) conta que, dois meses antes de Senna morrer, ele manifestara a Viviane, sua irmã, a vontade transformar a caridade sigilosa em algo mais abrangente e duradouro para as crianças do país. Dois meses depois da morte do piloto, estaria criada em Londres a Ayrton Senna Foundation. E, alguns meses depois, o Instituto Ayrton Senna, em São Paulo. Segundo o site do Instituto Ayrton Senna (S.D), cem por cento dos royalties gerados pelo uso da marca Senna e da imagem de Ayrton Senna no mundo inteiro era destinado às duas entidades. Atualmente, o instituto beneficia 1,5 milhão de crianças e jovens, forma 65 mil professores e 660 municípios em 17 Estados brasileiros. (AYRTON SENNA, S.D)

Segundo Muller (1992) o herói é também uma espécie de modelo, que mostra virtudes e valores humanos mais elevados. São altruístas e maduros. “[...] A exemplo da coragem civil e o desinteressado engajamento social e, dessa maneira, cumpre uma tarefa social muito importante.” (MULLER, 1992, p. 5)

### **1.2 Os feitos nada heroicos (isso a Globo não mostra)**

O talento na pista e as atitudes altruístas contrastavam com a ousadia e falta de noção do perigo quando, através de manobras arriscadas, Senna colocava a sua vida e a dos outros pilotos em risco. Em 1990, sagrou-se bicampeão mundial quando se envolveu em um acidente com Prost logo após a largada. Segundo Bonafonte (2016), com essa colisão e os dois fora da corrida, Senna seria campeão mundial, já que tinha 78 pontos, sete a mais que o rival Alan Prost.

A manobra arriscada colocou a vida dos dois pilotos em risco e, 1990, após o título, Jack Stewart, um consagrado piloto tricampeão mundial nos anos 70, criticou Senna dizendo que nenhum outro campeão de Fórmula 1 havia se envolvido tanto em acidentes como o brasileiro. Senna respondeu a crítica dizendo que ser um piloto de

---

Fórmula 1 é estar constantemente sob risco. “Se você não tentar ultrapassar quando há uma oportunidade, você não é mais um piloto de corrida. Correr é competir. Estamos competindo para vencer.” (YOUTUBE, 2012)

Todo ser humano é falho. Não os heróis. A estes não é permitido o ato de falhar e, quando se mostram contraditórios, os erros são minimizados ou justificados. Senna tinha um lado polêmico pouco, ou quase nada, explorado pela Rede Globo, pelo menos na época. Segundo Rodrigues (2004), o piloto inglês Derek Warwick foi vetado por Senna na Lotus, para a temporada de 1986. Senna não queria outro piloto que fosse o “queridinho” dos ingleses. Embora tenham se entendido no fim das contas, para Warwick, não foi uma situação muito bacana de vivenciar.

Warwick ficou devastado com a notícia. Não estava apenas perdendo o lugar na Lotus. Estava perdendo o lugar na Fórmula 1. Mais indignação que ele sentiram a imprensa inglesa e a mulher. Sem tempo para negociar com outra equipe, ele assinou com a Jaguar para disputar o Mundial de Marcas, mas acabou voltando à Fórmula 1. Um retorno amargo, substituindo, na equipe Brabham, o mesmo Elio De Angelis, que morreria num treino no circuito francês de Paul Ricard. (RODRIGUES, 2004, p. 132)

Em 1993, seu principal rival Alan Prost, assinou com a Williams, o sonho de Senna naquela época, já que o carro era altamente tecnológico. Prost, no entanto, colocou uma cláusula no contrato com a equipe inglesa vetando a ida de Senna, o que deixou o brasileiro furioso. Em entrevista, atacou Prost o chamando de covarde.

Senna colecionava desafetos. O estilo agressivo de pilotar causava briga com outros pilotos nos boxes. Segundo site UOL (2014), em 1985, fechou seu companheiro Elio de Angelis e acabou levando um soco nos boxes. No GP da Bélgica, foi a vez de Nigel Mansell não gostar de uma manobra arriscada de Senna. Este também partiu para a agressão. Em 1992, foi a vez de Senna ficar irritado com Michael Schumacher, depois de uma manobra arriscada do alemão. Dessa vez, o brasileiro que partiu para a agressão.

Segundo o Estadão (2007), o piloto Felipe Massa afirmou que quando era criança teve um pedido de autógrafa negado por Senna, e que o episódio serviu de lição para que Massa não negasse autógrafos de crianças. Hoje, algumas declarações como a

---

de Felipe Massa soam surpreendentes, já que, durante anos a mídia, sobretudo a Rede Globo, sustentou uma imagem de Senna como um ser acima do bem e do mal.

Mesmo quando os atos controversos do piloto alcançavam visibilidade inevitável, a emissora esforçava-se para atribuir às ações de Senna uma intenção positiva, a exemplo do episódio envolvendo o piloto Gerhard Berger, relatado no segundo capítulo deste trabalho. Ainda que Senna tivesse sutilmente tentado desmoralizar o companheiro de equipe, a narração de Galvão Bueno caracterizou a atitude como um gesto de amizade e companheirismo.

De todo modo, alguns fóruns de Fórmula 1 na internet questionam, a partir dessas polêmicas, a imagem de herói do piloto e, muitas vezes, até usam esses fatos para demonizá-lo. É o efeito reverso. Se Senna não fosse visto como uma espécie de santo por todos esses anos, alguns erros que vieram à tona não ganhariam proporções tão grandes a ponto de existir, nos dias de hoje, um determinado nicho que tem antipatia pelo piloto e vive para questionar sua conduta dentro e fora das pistas.

## **2. Toda história de heróis tem vilões**

### **2.1 Nelson Piquet**

Rodrigues (2004) afirmou, segundo o repórter Sérgio Rodrigues, correspondente de Fórmula 1, que “Ayrton tornara-se a menina-dos-olhos de todos os que acompanhavam o automobilismo: as atenções, cansadas do mau humor de Nelson Piquet”. (RODRIGUES, 2004, p. 106)

A festa para comemorar os 25 anos de Senna, no dia 21 de março, foi uma prévia, ainda tímida, da dimensão que a fama que Senna teria não só no Brasil, mas no mundo todo. Na festa, ele circulava feliz, em meio a pedidos de autógrafos e aplausos. Cristiane, uma fã administradora de empresas, se aproximou de Ayrton e pediu: “Permanece simples como você é. Admiro sua simplicidade, mesmo quando você está lá em cima, no pódio.” (RODRIGUES, 2004, p 107)

Senna procurava ocupar um espaço que Nelson Piquet, com quem já começava a dividir as manchetes, parecia fazer questão de dispensar. Nas redações, sua chegada foi uma espécie de redenção para os jornalistas, já um pouco cansados do convívio difícil com Nelson, um campeão mundial que ganhava também sucessivos troféus Limão, pela falta de paciência e a antipatia

---

com que lidava com a fama e, de modo muito especial, com a ignorância da maioria absoluta dos repórteres brasileiros em relação ao automobilismo. (RODRIGUES, 2004, p. 65)

O fato de Ayrton ter deixado de ir para a Brabham<sup>4</sup> ser companheiro de equipe de Piquet não impediu que se criasse uma rivalidade entre os brasileiros. Ayrton e Nelson nunca foram amigos, pelo contrário. Protagonizaram uma rivalidade que, curiosamente, não começou dentro da pista, mas fora dela, através de entrevistas para a imprensa, nas quais os dois começaram a se alfinetar.

O estopim aconteceu em 1987. Rodrigues (2004) revela que Senna começava a se sentir desconfortável com as brincadeiras que Piquet dirigia a ele. "Tudo tem um limite. Até hoje recebi passivamente todas as críticas e comentários de Nelson Piquet, mas agora passarei a responder. As respostas serão dadas num nível mais alto, é claro, mas serão dadas." (RODRIGUES, 2004, p. 167) A declaração de Senna foi ao *Jornal do Brasil*, isso porque, segundo Rodrigues (2004), Piquet, Prost, entre outros desafetos que Ayrton tinha no *Paddock*<sup>5</sup>, começaram um rumor que iria acabar para sempre com qualquer possibilidade aproximação entre Senna e Piquet.

A brincadeira, cuidadosamente mantida longe do conhecimento do público, àquela época, era dizer que Senna era homossexual. (...) Diante do estranhamento que provocava e da forma avassaladora com que ele conquistou seu espaço na Fórmula 1, Prost, Piquet, adversários e rivais na pista, e alguns poucos jornalistas brasileiros que não simpatizavam com ele, reagiram com uma certa hostilidade e, nesse contexto, surgiram as brincadeiras sobre a sexualidade de Ayrton. (RODRIGUES, 2004, p. 169)

A personalidade reservada e obcecada pelo que fazia, tornava Ayrton uma espécie de bicho-de-7-cabeças do paddock. Ao contrário de Piquet, Senna não gostava de exhibir sua vida sexual. Como relata Rodrigues (2004), o piloto vivia imerso a “sua torturante dedicação que não sucumbia à festa que o rodeava e a seriedade mortal com que ele encarava as corridas.” (RODRIGUES, 2004, p. 169)

---

<sup>4</sup> *Motor Racing Developments Ltd*, conhecida com Brabham, é uma equipe inglesa de Fórmula 1 fundada em 1961 por Jack Brabham, bicampeão mundial da categoria.

<sup>5</sup> Local onde são abrigados os veículos, funcionários das equipes, convidados, entre outros participantes de um circuito de automobilismo.



---

A brincadeira sobre a sexualidade de Ayrton havia ficado em *off* no paddock durante um tempo, mas veio à tona quando Senna resolveu “cutucar a onça”. Era dia 6 de março de 1988. Ayrton estava voltando das férias na fazenda da família, no interior de São Paulo e também passou dez dias na casa que Galvão Bueno alugou em Búzios, no litoral do Rio. Quando, enfim, foi questionado pela imprensa sobre o seu sumiço, justificou dizendo que sumiu para dar chance para os outros pilotos aparecerem um pouco e, segundo Rodrigues (2004), ainda completou: “Afim, não fazia sentido o cara (Piquet) ser tricampeão e eu continuar sendo assunto. Já que ninguém gosta muito dele, o único jeito era eu sumir para que ele pudesse aparecer um pouco.” (RODRIGUES, 2004, p.192)

Quando Piquet soube da declaração, rapidamente quis dar o troco. Chamou o Eloir Maciel, repórter do Jornal do Brasil, e pediu para que ele publicasse o boato que até então ele havia inventado e deixado correr solto apenas pelos paddocks: de que Senna estava sumido da imprensa para não ter que explicar que era gay.

Na lembrança de Galvão, o choro indignado de Senna, ao desligar o telefone, foi imediato. Lúcia, mulher de Galvão, queria vingança. E fez uma sugestão que Ayrton só acabou acatando dois anos depois, na reveladora entrevista que deu à jornalista Mônica Bergamo, da Playboy, em agosto de 1990: mandar Piquet perguntar à mulher, Katerine, se ele, Senna, gostava ou não de mulher. Lúcia se referia ao fato de Ayrton ter tido um caso rápido com Katerine. (RODRIGUES, 2004, p. 197)

Rodrigues (2004) explica que, após a declaração, os jornalistas e fãs da Fórmula 1 esperavam que o próprio Piquet a negasse. Pressupunham que havia sido um boato criado pelo jornalista Eloir Maciel. Mas, quando chegaram para abordar Piquet no paddock, a resposta foi curta e objetiva: “Confirmo tudo.” O relacionamento dos dois pilotos brasileiros nunca mais foi o mesmo.

No motohome da McLaren, Creighton e Tereza Brown foram testemunhas do ódio que Senna carregara intacto noite adentro. Creighton tinha uma convicção: “Se o objetivo de Piquet era o de desestabilizar Ayrton, o efeito foi exatamente o contrário: Senna queria destruir Piquet na pista.” (RODRIGUES, 2004, p. 199)

Antes mesmo desse episódio, Senna e Piquet nunca haviam tido uma amizade. Não se sabe se por uma espécie de ciúme que Nelson sentia com a chegada de

um novo brasileiro, mas o fato é que as alfinetadas entre eles eram constantes através da imprensa. Segundo UOL (2017), em 1987, Piquet declarou em entrevista que Senna ganharia os motores Honda “de mão beijada” após a Williams-Honda, equipe de Piquet, contribuir para o seu aperfeiçoamento durante anos. Senna rebateu dizendo que era justamente o contrário. “A mudança de motor implica em um período de adaptação que pode custar várias derrotas, enquanto Piquet terá apenas de fazer pequenos ajustes”. (UOL, 2017) Ainda concluiu que Piquet nutria certa implicância pelo fato de Senna ter tido maior apoio do qualquer piloto na história na sua entrada na Fórmula 1.

Segundo o site Sportv.com (2013), ainda hoje, questionado sobre quem foi melhor piloto, Senna ou Piquet, Nelson responde em tom de piada que ele é o melhor “pois está vivo”. A rivalidade entre os dois pilotos ajudou ainda mais na construção do mito Senna, já que todo mocinho precisa de um vilão. O relacionamento desgastado de Piquet com a imprensa brasileira também ajudou bastante nesse processo. Por isso, para a mídia, não foi difícil eleger quem era quem nesta história.

A animosidade entre os dois pilotos era tamanha que o repórter que cobria a Fórmula 1 para a Rede Globo, Reginaldo Leme, ficou praticamente “entre a cruz e a espada” nessa situação, já que era amigo de Piquet muito antes de Senna aparecer na categoria. Rodrigues (2004) relata que foram muitas as tentativas de Reginaldo de fazer com que os dois pilotos mantivessem, ao menos, uma relação cordial. Em alguns momentos ele até conseguiu essa proeza, fazendo com que eles conversassem sobre esqui aquático, um gosto em comum, mas não foi suficiente para evitar todos os contratempos que viriam pela frente.

Reginaldo, cada vez mais preocupado com as brigas de Piquet e Senna dentro e fora das pistas, estava feliz: “Eu não queria transformar os dois em grandes amigos, mas pelo menos em colegas que se respeitassem.” Ele não conseguiria. (RODRIGUES, 2004, p. 157)

Reginaldo Leme tentava conciliar a amizade com os dois pilotos, até porque, seu trabalho dependia de uma boa relação com ambos, mas Ayrton estava convencido de que estava sendo traído pelo repórter. (RODRIGUES, 2004) Chegaram ao conhecimento de Senna alguns comentários, feitos em tom de piada, por Reginaldo Leme, em um jantar de brasileiros na Itália, acerca do fato de Ayrton não aparecer com

namoradas em público. Reginaldo nega que tenha feito qualquer comentário do tipo, mas Ayrton estava convencido que Reginaldo era uma espécie de leva-e-traz do Piquet. Rodrigues (2004) ainda relata que Reginaldo Leme chegou a escrever uma carta de 22 laudas para Ayrton e toda a família Senna, mas não alterou o clima.

O relacionamento de Ayrton e Reginaldo estremeceu a ponto do piloto não conceder mais entrevistas para o repórter, ameaçando assim o seu emprego na Globo. A situação ainda se agravaria com a entrada do narrador Galvão Bueno em toda essa discussão. Galvão e Reginaldo estavam tendo muitos mal entendidos que começaram a abalar sua relação de décadas, enquanto a inimizade entre Senna e Piquet também desgastava a amizade dos jornalistas.

O fato é que, na manhã de sábado, Galvão garantiu ao amigo Braguinha e a outros brasileiros que o rodeavam no paddock que jamais voltaria a dividir uma cabine de transmissão com Reginaldo. Na memória de Galvão, Ayrton, ao saber do rompimento do amigo com Reginaldo, prometeu:  
- Ah é? Então também não falo mais com ele.

O rompimento das duas estrelas da transmissão da Fórmula 1 no Brasil chegou à direção da TV Globo. Galvão chegou a pedir abertamente a substituição de Reginaldo. (RODRIGUES, 2004, p. 305)

Rodrigues (2004) relata que Reginaldo Leme não chegou a ser substituído e Senna e Galvão ainda fariam as pazes com ele. Mas o fato é que toda essa “intensidade” e envolvimento dos jornalistas da Rede Globo com os pilotos nos bastidores, ajudou a passar para o telespectador mais emoção, numa época em que a Fórmula 1 tinha virado a atração dos domingos dos brasileiros, com todos os holofotes virados para Senna e Piquet, que ajudaram a protagonizar uma novela com todo os elementos necessários para uma boa trama entre mocinho e vilão. Senna ainda teria um rival ainda mais importante para esse processo de mitificação: o francês Alain Prost.

## **2.2 Alain Prost**

Para a Fórmula 1, 1989 foi um ano de um campeonato controverso e ficou marcado pela guerra declarada entre Ayrton Senna e seu companheiro de equipe na McLaren, Alain Prost. O francês acabou levando o título daquele ano e, para muitos, foi tirado de maneira injusta. Giacomelli (2013) conta que na volta 46 da corrida, Ayrton

---

tentou ultrapassar Prost na chicane, os dois se tocaram e Prost acabou abandonando a prova. Depois da batida, Ayrton ainda se recuperou milagrosamente, saindo de sexto para terminar com vitória. O título, teoricamente, era dele. Mas o presidente da FISA, Jean Marie Balestre, considerou que Senna havia infringido uma regra na corrida e, como punição, não seria o campeão daquele ano. O título ficou, então, para o francês Alain Prost.

Jean-Marie Balestre, o então presidente da FISA, e, para alguns, artífice da punição que jogou a taça de campeão no colo de Prost, até deu uma entrevista, em novembro de 1996, admitindo que dera mesmo "uma ajuda" ao compatriota na conquista do título. Mas havia quem duvidasse que ele tivesse tanto poder sobre a direção da prova. O próprio Prost, segundo o engenheiro Takeo Kiuchi, foi até a torre de controle do autódromo de Suzuka, enquanto Ayrton tentava vencer a corrida na pista. Kiuchi ressaltou, porém, que jamais soube o que Alain conversou com os comissários. (RODRIGUES, 2004, p. 271)

Começava, então, algo essencial para a trajetória de um herói: a saga por vingança. Para Helal (1998), há uma diferença grande entre ídolos do esporte e ídolos da música, por exemplo. Os primeiros possuem características básicas de um herói, ao contrário do segundo. “A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. O sucesso de um atleta depende do fracasso do seu oponente. É uma competição que ocorre dentro do próprio universo do espetáculo.” (HELAL, 1998, p. 6)

Oricchio (2015) conta que, no campeonato de 1990, logo depois da largada, Senna e Prost colidiram, numa atitude de Senna que muitos consideraram antidesportiva, já que ele não freou no fim da reta dos boxes, causando assim um acidente entre os dois pilotos. Uma atitude arriscada, que poderia ter tido um fim trágico. A corrida acabou para os dois e Senna, conquistou seu segundo título já que tinha mais pontos que Prost. 78 a 69.

Segundo Alain Prost:

Eu acho que a rivalidade teve início quando ele começou a se interessar por corridas de automóveis. A ver que eu estava lá. Eu era o objetivo do Senna. Desde o início ele me disse uma, duas, várias vezes que eu era a motivação dele. Então, tudo o que aconteceu na pista era de verdade algo que ele já tinha programado, pensado, havia muito tempo. De uma certa

---

maneira, ele se atirou dentro dessa rivalidade, que acabou naquele pódio de 1993 (na Austrália, com Senna em 1º e Prost em 2º), quando eu parei de pilotar. Com isso, ele perdeu a motivação para guiar. (COURREGÉ e LOPES, 2014)

Não é difícil entender por que os brasileiros viram em Senna exatamente o que viram no futebol: uma forma de sentirem menos humilhados e rebaixados perante o mundo. Senna, um brasileiro, indo contra tudo e contra todos, desafiando os maiores chefões da Fórmula 1 e vencendo pilotos de países de primeiro mundo. Com o francês Alain Prost, Senna protagonizou uma das maiores rivalidades da Fórmula 1.

### **3. O mito inatingível**

Senna foi último piloto brasileiro a ser campeão mundial de Fórmula 1. Os compatriotas que surgiram após a sua morte amargaram uma espécie de “maldição”. Ayrton Senna deixou uma lacuna a ser preenchida. A pressão em cada piloto que aparecia para que fosse o novo ídolo brasileiro era enorme. Rubens Barrichello e Felipe Massa foram os pilotos que sucederam Senna. Apesar de bons profissionais, não chegaram nem próximo do sucesso do tricampeão.

Rubens Barrichello talvez tenha sido o que mais sofreu com essa expectativa e pressão colocada em cima dele. Quando Senna morreu, Barrichello era recém-chegado na Fórmula 1. Apesar de ter sido vice-campeão mundial em 2002 e 2004, sempre viveu à sombra do heptacampeão Michael Schumacher na Ferrari. Segundo o GloboEsporte.com (2012), no GP da Áustria de 2002, Rubens recebeu ordens da escuderia para deixar Schumacher ultrapassá-lo. Cumpriu. A mídia, no entanto, não aliviou para Barrichello, que ainda hoje, mesmo aposentado da Fórmula 1, continua sendo motivo de piada no próprio país.

O programa humorístico da Rede Globo, Cassetta & Planeta, que ficou no ar durante duas décadas, foi o maior responsável por perpetuar a fama de lento de Rubens Barrichello no Brasil. O piloto virou um objeto de sátira. O “Rubinho pé de chinelo”. Em uma das edições, o programa fez uma paródia do Tema da Vitória, que embalava as vitórias dos brasileiros na Fórmula 1 e foi imortalizado por Senna. A letra, composta para satirizar Barrichello, continha alguns dos versos “Vai quebrar, vai quebrar! Vai

---

quebrar, vai quebrar! Vai Sempre atrás do alemão, tentando ultrapassar, vai quebrar a ignição!” (CASSETA E PLANETA, 2013)

Após a morte de Senna, para continuar sustentando a audiência da Fórmula 1, a Globo pareceu sentir a necessidade do surgimento de outro piloto brasileiro vencedor. Não foram poucas as tentativas de tornar Rubens Barrichello e Felipe Massa heróis. Nenhuma obteve sucesso. Carsughi (2014) afirmou, em entrevista, que a Globo prejudicava os novos pilotos. “Ela fez uma aposta, não sei se certa ou não, comercialmente falando, no piloto brasileiro vencedor e não na Fórmula 1.” (SIMON, 2014)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada conclui que, apesar de genial, Senna virou herói, mito e até mesmo quase santo por uma junção de fatores como interesses da principal emissora do país e o contexto histórico da época.

Senna deixou um legado após a morte, mas deixou também uma responsabilidade imensa. Pode ser que jamais surja outro piloto brasileiro com o talento equivalente ao dele, mas, se vier a existir, é muito difícil que atinja a mesma proporção de fama do piloto.

Não foram só o talento e carisma de Senna que ajudaram a criar o mito, mas também o contexto histórico e os antagonistas dele. Além disso, as redes sociais estão a cada dia numa competição intensa com a televisão, que até os anos 90 tinha o monopólio da audiência, tornando a comunicação muito mais semelhante a uma via de mão única. Hoje, as redes sociais deixaram o país mais polarizado. Difícilmente um ídolo consegue atingir quase toda uma massa sem ser contestado ou problematizado.

Obviamente este trabalho não pode abarcar todo o conhecimento acerca do processo de mitificação de Ayrton Senna. Outras análises virão para complementar ou até refutar o que foi apresentado. O desejo, no entanto, é que este trabalho possa contribuir de alguma forma para novos estudos sobre a temática apresentada.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKIE, Erica; ORICCHIO, Livio. **Massa lembra de um dia triste: Senna negou-lhe autógrafa**. 2007. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,massa-lembra-de-um-dia-triste-senna-negou-lhe-autografo,63466>>. Acesso em: 18 maio 2018.

**AYRTON Senna's Famous interview with Sir Jackie Stewart**. Produção de Formula One Management. 2012. (6 min.), Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pdCWDSpwv9U&t=142s>>. Acesso em: 20 maio 2018.

BONAFONTE, Isabela. **Especial Finais inesquecíveis:Senna e Prost-1990**. 2016. Disponível em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2016/11/especial-finais-inesqueciveis-senna-e-prost-1990>>. Acesso em: 13 maio 2018.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O movimento olímpico e os meios de comunicação de massa: a interdependência e a perpetuação do mito esportivo..** 2000. Disponível em: <<http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/1400/1332>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

**Casseta e planeta - música do rubinho na ferrari (vai quebrar, vai quebrar...)**. Realização de Tv Globo. 2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=e8\\_5vHRcnJo&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=e8_5vHRcnJo&t=1s)>. Acesso em: 30 maio 2018.

COURREGÉ, Marcelo; LOPES, Rafael. **Alain Prost lembra "batalha humana" com Senna: "Eu era a motivação dele"**. 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/05/alain-prost-lembra-batalha-humana-com-senna-eu-era-motivacao-dele.html>>. Acesso em: 23 maio 2012.

FRANÇA, Rodrigo; CHAGURI, Luiz Felipe. **Ayrton Senna Site Oficial**. Disponível em: <<http://www.ayrtonsenna.com.br>>. Acesso em: 22 maio 2018.

GIACOMELLI, Felipe. **Rivalidade histórica entre Senna e Prost começou com manobra semelhante à de Vettel na Malásia**. 2013. Disponível em: <<http://www.grandepremio.com.br/f1/noticias/rivalidade-historica-entre-senna-e-prost-comecou-com-manobra-semelhante--de-vettel-na-malasia>>. Acesso em: 10 maio 2018.

GLOBOESPORTE.COM. **Rubinho diz que foi ameaçado para dar posição a Schumacher em 2002**. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/2012/05/rubinho-diz-que-foi-ameacado-para-dar-posicao-schumacher-em-2002.html>>. Acesso em: 23 maio 2018.

HELAL, Ronaldo. **Mídia, construção da derrota e o mito do herói in Revista de divulgação científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física da Universidade**

---

*Gama Filho*. Rio de Janeiro, *Motus Corporis*, 1998 – v. 5, n. 2, 6 p.

INSTITUTO AYRTON SENNA (São Paulo). **Instituto Ayrton Senna**. Disponível em: <<http://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

MULLER, Lutz. **O Herói: Todos nascemos para ser heróis**. São Paulo: Cultrix, 1992.

ORICCHIO, Livio. **"Troco" de Senna foi alvo de críticas: "Esporte foi apunhalado pelas costas"**. 2015. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/2015/10/troco-de-senna-foi-alvo-de-criticas-o-esporte-foi-apunhalado-pelas-costas.html>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

RODRIGUES, Ernesto **AYRTON - O Herói Revelado**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004. Disponível em: <[http://f1-archive.narod.ru/books/Ayrton\\_Senna\\_O\\_Heroi\\_Revelado\\_2004.pdf](http://f1-archive.narod.ru/books/Ayrton_Senna_O_Heroi_Revelado_2004.pdf)>. Acesso em: 09 de maio 2018.

SIMON, Luís Augusto. **Carsughi diz que Globo só quer piloto vencedor e “jeito Senna” o incomodava**. 2014. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/2014/10/24/carsughi-diz-que-globo-prejudica-novos-pilotos-e-jeito-senna-o-incomodava.htm>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

SIQUEIRA, Felipe. **Há 20 anos, Ayrton Senna salvava vida de colega ao socorrê-lo em Spa**. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/motor/formula-1/noticia/2012/08/ha-20-anos-ayrton-senna-salvava-vida-de-colega-ao-socorre-lo-em-spa.html>>. Acesso em: 12 maio 2018.

SPORTV.COM. **Ao seu estilo, Piquet brinca sobre comparação com Senna: 'Estou vivo'**. 2013. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/linha-de-chegada/noticia/2013/01/ao-seu-estilo-piquet-brinca-sobre-rivalidade-com-senna-estou-vivo.html>>. Acesso em: 12 maio 2018.

UOL. **O lado polêmico de Senna: brigas, acidentes e arrogância nos bastidores**. 2014. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,masa-lembra-de-um-dia-triste-senna-negou-lhe-autografo,63466>>. Acesso em: 10 maio 2018.

UOL. **Há 30 anos, Senna chegou no limite com Piquet e alimentou mais a rivalidade**. 2017. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/f1/ultimas-noticias/2017/06/24/ha-20-anos-motor-honda-era-motivo-de-mais-uma-briga-entre-senna-e-pique.htm>>. Acesso em: 10 maio 2018.